

BREJOS DE ALTITUDE, REFÚGIOS PARA OS GRUPOS HUMANOS DO SERTÃO: O CASO DA SERRA DO ARAPUÁ, FLORESTA - PE

LUIZ SEVERINODA SILVA JR.¹

Ambientes privilegiados, os brejos de altitude existentes no semi-árido nordestino sempre foram atraentes para os grupos humanos, sejam eles pré-históricos ou modernos. Hoje, boa parte desses brejos encontram-se ocupados pelas cidades interioranas, que ali foram se estabelecendo a partir do final do século XVII.

Durante a empreitada colonial o rio São Francisco, e seus afluentes, foram o caminho natural mais acessível para a expansão da atividade pastoril. Combatendo e exterminando os indígenas que se opunham, ou, reduzindo os mais pacíficos aos aldeamentos, os colonos europeus impuseram aos nativos uma nova dispersão pelo interior do continente. Ocupando as melhores terras, principalmente as situadas nas margens dos rios, os colonos empurraram os indígenas para a periferia das áreas onde erguiam suas povoações. Cada vez em menor número, os grupos indígenas foram obrigados a procurar moradia em locais mais ermos. Dentre as terras restantes o topo das serras foi uma das alternativas encontrada pelos nativos. No entanto, os indígenas não estavam só, os grupos quilombolas batidos da faixa litorânea, também recorreram as serras do sertão nordestino, como área de refúgio e moradia, não é atoa que tiveram nos indígenas um forte aliado.

Apesar de ser um tema pouco estudado, a aliança entre nações indígenas e grupos quilombolas está presente na história da ocupação do sertão des-

de a efetivação dos primeiros núcleos de habitação colonial do século XVII. Ainda hoje, é possível reconhecer pequenos grupos isolados com características culturais de quilombos. Em Pernambuco foram localizados e pesquisados as seguintes comunidades quilombolas remanescentes: Conceição das Crioulas, no município de Salgueiro; Livramento, em Triunfo; Gado Brabo, em São Bento do Una e Castainho, Imbé e Estrela, no município de Garanhuns (MONTEIRO, Anita M. Q., 1985). Da mesma forma que os quilombolas, em Pernambuco, temos sete povos indígenas remanescente. Dentre as muitas características que delimitam esses grupos remanescentes, os traços físicos exprimem os vários graus de miscigenação, seja ela cabocla ou cafuza. No caso da miscigenação entre os indígenas e os quilombolas, temos nos grupos Xukuru, Kambiwá e Fulni-ô um bom exemplo destas uniões. Seus traços físicos fortalecem a tese da união entre os dois grupos, não só no período colonial como nos dias atuais.

Diante do exposto, identificamos em uma única área do sertão pernambucano, na Serra do Arapuá, vestígios culturais que podem contribuir com novas informações sobre este processo de ocupação do sertão. Situada entre os municípios de Floresta, Carnaubeira da Penha e Salgueiro, a área da Serra do Arapuá forma uma verdadeira encruzilhada, tanto geográfica quanto cultural. Pois, as variáveis de análise possibilitam executar trabalhos tanto de cunho histórico, antropológico, etnográfico quanto arqueológico. Esta área parece permitir a obtenção de dados de vários aspectos da ocupação do sertão, desde o período pré-histórico até o histórico. Em uma das serras, do conjunto denominado Arapuá, temos ainda hoje, em seu sopé vestígios de um antigo engenho sertanejo do século XIX, o engenho Araticum, onde se produzia cachaça e rapadura; afloramentos arqueológicos pré-históricos e uma comunidade, semi-isolada, com característica de quilombo que se auto denominam como índios cacarias, mesmo que seu biótipo esteja mais próximo das características negras.

Na porção noroeste da serra do Arapuá, na comunidade de Conceição das Creoulas, no município de Salgueiro, foram realizados importantes trabalhos de cunho arqueológico, como os trabalhos de Claudia A. Oliveira, que estudou o perfil das cerâmicas produzidas por um grupo de mulheres que, ainda aplicam técnicas de produção semelhantes ao indígena (OLIVEIRA, Cláudia A., 1998) e o trabalho de Marcos G. Lima, que pontuou e trabalhou vários sítios arqueológicos naquele município (LIMA, Marcos G., 1995). Assim, visando contribuir com os trabalhos já executados no entorno da serra do Arapuá, selecionamos a porção sul da serra, localizada no município de Floresta, como ponto de partida para a elaboração de novas pesquisas. Foi neste lado da Serra do

Arapuá, que localizamos alguns afloramentos de material arqueológico, principalmente material cerâmico. Estes afloramentos cerâmicos são tão comuns que, batizaram esta porção da serra do Arapuá como serra da Cacaria.

Alguns moradores locais, guiados pela curiosidade e devido ao desconhecimento da importância do material, têm coletado as peças da superfície do sítio arqueológico para compor coleções particulares (ver fotos). Esta ação, provoca a perda do contexto arqueológico, dificultando a possibilidade de correlacionar os achados e suas estruturas arqueológicas. Com isto, perde-se a possibilidade de correlacionar os achados com a ocupação do sítio Cacaria.

Situada na Microrregião de Itaparica, o conjunto de serras denominado Arapuá, eleva-se na região do Pediplano Sertanejo. Área cortado pela bacia do rio Pajeú, afluente do rio São Francisco, o Pediplano Sertanejo apresenta uma altitude média de 400 m, porém o conjunto de serras do Arapuá chega a atingir uma altitude máxima de 889 m (RADAMBRASIL, 1983). Devido a esta variação de altitude, forma-se no alto do conjunto de serras do Arapuá um brejo de cimeira, e no seu sopé um brejo de pé-de-serra. Sua elevação, forma uma escarpa com altura de ± 400 m.

Em visita a serra da Cacaria foi possível conhecer alguns dos membros do grupo quilombola, ou índios Cacaria. Nesta oportunidade, podemos perceber que este grupo ainda preserva alguns traços culturais indígenas, como por exemplo a fabricação do vinho da jurema, a confecção de cestaria, vestimentas e de alguns objetos cerâmicos como: vasilhames e cachimbos. Segundo Cláudia Alves Oliveira (op. cit.) os objetos cerâmicos produzidos na área são bastante similares aos das culturas indígenas brasileiras, fato constado em seu trabalho sobre as ceramistas da comunidade de Conceição das Creoulas. Porém, na Serra da Cacaria além dos objetos cerâmicos foi possível perceber que outros elementos materiais da cultura só continuam sendo preservados graças a um rito, a dança do Toré. A preparação da “festa do Toré”, como é denominada pelos seus membros, possibilita a mobilização da comunidade, tanto na produção do vinho quanto das vestimentas de palha de palmeira, denominadas de “farda”. Tendo início com a chegada da noite, os participantes do Toré dançam e cantam até o alvorecer. Os festejos ocorrem a céu aberto, em uma área denominada de “folga”, nela temos um poste situado ao centro do terreno e uma cabana, onde localiza-se o altar das divindades. Neste, estão dispostos uma cruz, algumas imagens de santos cristãos, potes cerâmicos, cachimbos de barro e um pilão em pedra. Na “brincadeira”, como também é chamado o Toré, podem participar todos os membros da comunidade sejam eles homens, mulheres ou crianças.

Ricamente documentada, a história dos grupos humanos do conjunto de serras do Arapuá, exemplifica o processo de luta e aldeamento de alguns dos grupos indígenas do alto sertão, com referências documentais a partir do século XVIII. No trabalho publicado por Rosas (ROSA, Hildo Leal, 1997) fica claro o processo de repressão sofrida pelos indígenas, e a estratégia de isolamento no alto da serra, como forma de amenizar a pressão sofrida pelos brancos. Um outro autor que trabalhou com dados da região foi Darcy Ribeiro (RIBEIRO, Darcy, 1996) que em um de seus livros nos fala, em um pequeno trecho, sobre os indígenas remanescentes da serra da Cacaria, do Arapuá e do Umã.

Assim, neste ambiente, tão característico da história sertaneja, foi possível pontuar, em nosso projeto de pesquisa, alguns dos pontos de ocupações no alto da serra. Com isto, através de prospecções e sondagens, pretendemos identificar e compreender as distintas fases de ocupações da Serra da Cacaria. Desta forma, aliando o maior número possível de dados, sejam dados arqueológicos, etnológicos, geográficos ou históricos, tentaremos associar os vestígios aos seus respectivos períodos. Entendemos que, com isto estaremos rompendo os limites entre o que é conceituado como Arqueologia Pré-histórica e Arqueologia Histórica. Pois, os afloramentos podem marcar áreas com estratos arqueológicos representativos desde a pré-história aos nossos dias.

Acreditamos que, a possibilidade de encontrar extratos sucessivos é bastante provável, já que, os brejos de altitudes sempre foram utilizados como um verdadeiro refúgio. No caso da serra da Cacaria, os principais pontos de ocupação situam-se nas áreas mais planas, mais próximas dos pontos d'água e mais distante das encostas da serra. Este fato, até o momento vem sendo confirmando pela o posicionamento dos afloramentos que ocorrem em áreas com esta característica. Com isto, esperamos contribuir, com novos elementos, para os estudos arqueológicos já desenvolvidos, na Microrregião de Itaparica e com os estudos sobre a ocupação dos brejos de altitudes nas zonas do semi-árido nordestino.

Em uma única visita a área, foi possível confirmar a riqueza dos afloramentos. Além disto, um fazendeiro local, Nivaldo Cargvalho, nos apresentou sua coleção particular de peças arqueológicas coletadas na serra do Arapuá. Formada por líticos e cerâmicas, as peças líticas são compostas por: pontas de projétil (3), tembetas polidos (1 completo e 11 fragmentos), disco circular (1), machados (37), mão-de-pilão (5) e adornos circulares não identificados (2); e o material cerâmico: cachimbos (5 completos e 2 fragmentos de piteiras) e vários fragmentos cerâmicos, além disto no alto da serra foram localizados um pilão em um bloco solto, além de vários fragmentos de cerâmica e uns de tembetas espalhados em áreas específicas da serra.

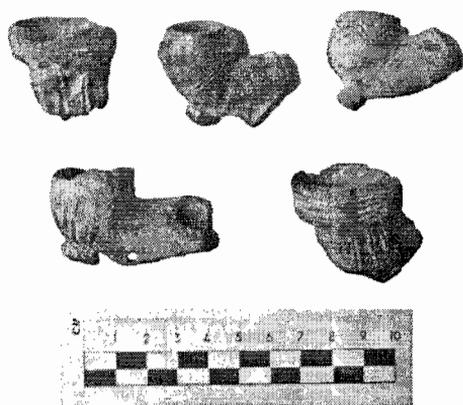
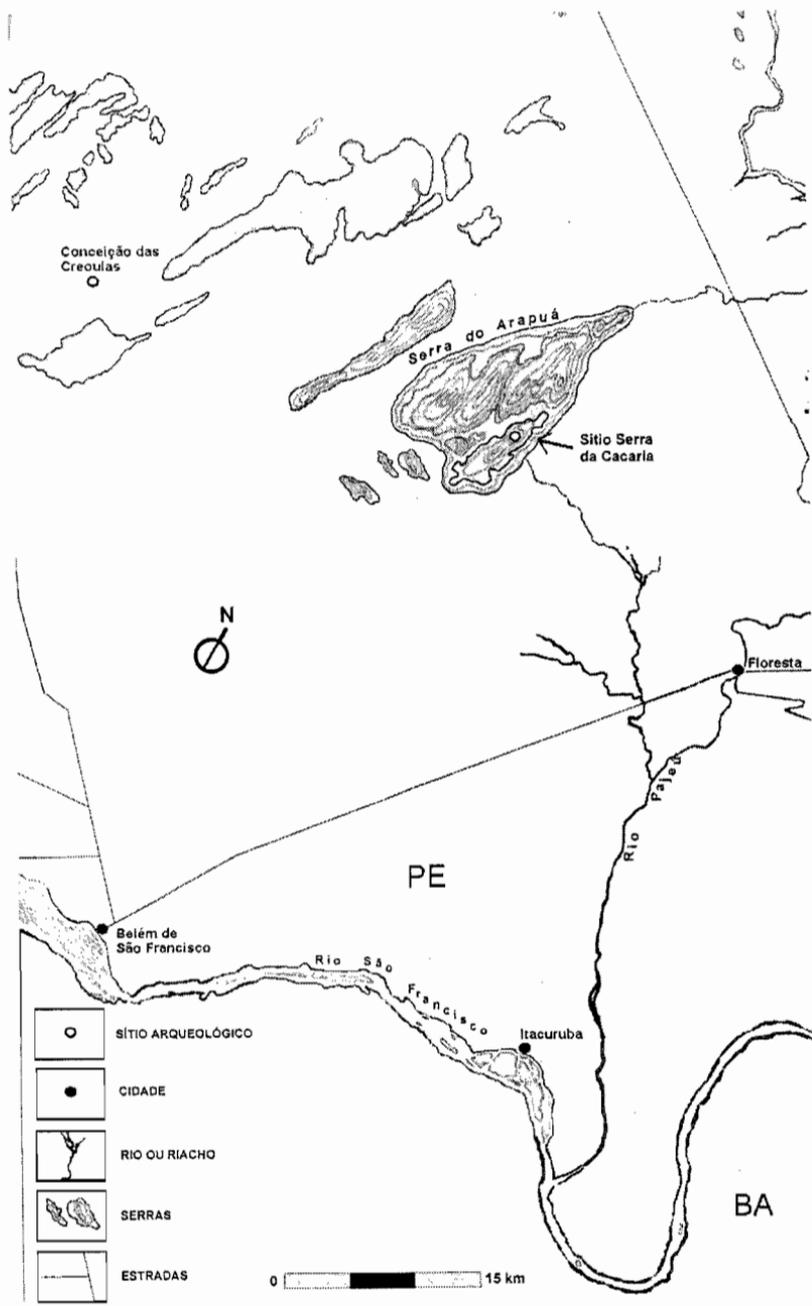


Figura 1. Achados casuais da Serra da Cacaria. Cachimbos e fragmentos cerâmicos.



Figura 1. Achados casuais da Serra da Cacaria. Pontas de projétil e machados polidos.



Mapa da Área

¹Pesquisador do Núcleo de Estudos Arqueológicos - NEA - da UFPE. Bolsista do CNPq.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AB'SABER, Aziz Nacib (org.) RADAM BRASIL - Folhas sc. 24/25 Aracaju / Recife.
- CERQUEIRA, M. dos M. & SÁ, Aderbal B. G. de. As comunidades indígenas de Pernambuco. Revista CLIO, Recife: edit. da UFPE, no 5: 257-271, 1982.
- KERN, Arno Alvarez. A arqueologia histórica, a história e os trinta povos das missões. Revista CLIO - Série Arqueológica, no 5, Recife: ed. da UFPE, 1989.
- LIMA, M. G. . Ocupações pré-históricas em Conceição das Creoulas. Dissertação de Mestrado, UFPE, 1995.
- MARTIN, Gabriela. Pré-História do Nordeste do Brasil. Recife: ed. da UFPE, 1997.
- _____ A Pré-História no século dos descobrimentos. Apresentação e proposta. Revista de Arqueologia, São Paulo, vol. 7:1-10, 1993.
- _____ O povoamento pré-histórico do Vale do São Francisco. Revista CLIO, Recife: edit. da UFPE, no 13: 9-41, 1998.
- MONTEIRO, Anita Maria de Queiroz. Castainho: etnografia de um bairro rural de negros. Recife: Editora Massangana, 1985.
- OLIVEIRA, Cláudia Alves. As ceramistas de Conceição das Creoulas: remanescentes de uma história. Revista CLIO, Recife: edit. da UFPE, no 13: 157-171, 1998.
- PERNAMBUCO. Secretaria de Educação e Esportes. Povos Indígenas de Pernambuco. Recife: SECC/Diretoria de Educação Escolar, 1998.
- RIBEIRO, Darcy. Os índios e a civilização: a integração das populações indígenas no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ROSA, Hildo Leal da. A serra negra: refúgio dos últimos "bárbaros" do Sertão de Pernambuco. Monografia, UFPE, 1997.